

Escutando a Moradia Estudantil: o que o cotidiano de violência nas residências universitárias diz sobre o extrativismo que sustenta a educação superior?

Isadora Guerra da Silveira¹

Antonádia Monteiro Borges²

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Resumo: Se em países como o Brasil a universidade se constitui como uma *plantation* devotada à produção de matérias-primas brutas a serem exploradas em latitudes mais centrais, não podemos perder de vista a captura de vidas que esse processo exige. O conceito de sobcomuns desenvolvido por Moten e Harney, assim como a figura do quarto de vassouras em Le Guin, servem de inspiração para nos aproximarmos do alojamento estudantil da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Neste texto, a partir de uma experiência etnográfica intensa, tratamos de esmiuçar a violência imperante na vida universitária local. Exploramos as práticas extrativistas que se nutrem da vida de estudantes feitos descartáveis para erigir uma universidade que, paradoxalmente, se crê independente dessas formas dissidentes de existir. Por fim, abordamos o amor forjado nesse refúgio e os laços de enfrentamento formados por estudantes alojados.

Palavras-chave: moradia estudantil; universidade; violência, refúgio, pertencimento

¹ Estudante de Relações Internacionais. Faz pesquisa sobre residências universitárias.

² Professora titular no Departamento de Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade. Faz pesquisa etnográfica sobre a relação entre a composição-plantation de contextos universitários no sul global e a composição-terra dos saberes relacionados à vida na/da terra.

Listening to Student Housing: what does the daily violence in university residences say about the extractivism that sustains higher education?

Abstract: If, in countries like Brazil, the university is constituted as a plantation devoted to producing raw materials to be exploited in more central latitudes, we must maintain sight of the capture of lives that this process requires. The concept of undercommons developed by Moten and Harney and the figure of the broom closet in Le Guin serve as inspiration for approaching the student accommodation at the Federal Rural University of Rio de Janeiro. In this text, based on an ethnographic approach, we try to scrutinize the violence in the local university life. In this work, we explore the extractive practices that feed on the lives of students who are made disposable in order to build a university that, paradoxically, believes itself to be independent of these dissident ways of existing. Finally, we address the love forged in this refuge and the bonds of confrontation formed by the students housed there.

Keywords: student accommodation; university; violence; fugitivity; belonging

Escuchar a las residencias de estudiantes: ¿qué dice la violencia cotidiana en las residencias universitarias sobre el extractivismo que sustenta la enseñanza superior?

Resumen: Si en países como Brasil la universidad es una plantación dedicada a la producción de materias primas para ser explotadas en latitudes más centrales, no podemos perder de vista la captura de vidas que este proceso requiere. El concepto de subcomún desarrollado por Moten y Harney, así como la figura del cuarto de las escobas en Le Guin, sirven de inspiración para abordar el alojamiento de los estudiantes de la Universidad Federal Rural de Río de Janeiro. En este texto, basado en una intensa aproximación etnográfica, intentamos escudriñar la violencia imperante en la vida universitaria local. Exploramos las prácticas extractivas que se alimentan de la vida de los estudiantes, convertidos en desechables para construir una universidad que, paradójicamente, se cree independiente de esas formas disidentes de existir. Por último, abordamos el amor forjado en este refugio y los lazos de confrontación formados por los estudiantes que allí se alojan.

Palabras clave: alojamiento para estudiantes; universidad; violencia; refugio; pertenencia.

Residências estudantis

A residência estudantil marca a vida acadêmica no Brasil de forma indelével, tanto para os que nela se alojam durante certo período de suas formações, quanto sobre aqueles que são impactados indiretamente pelas experiências de estudantes alojados. Há diversos estudos e pesquisas sobre as moradias estudantis e alguns trabalhos acadêmicos que se dedicam a investigar as vivências dos moradores dessas residências³. Procurando adensar o debate em curso, propomos nesse artigo um estudo sobre o alojamento estudantil da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, com o objetivo de incentivar a pesquisa sobre o tema e, consequentemente, subsidiar medidas que garantam as condições mínimas para os alojados se formarem, diretamente relacionadas à experiência de terem ou não uma moradia digna onde se abrigar. Nossa intenção aqui é contribuir para o debate a partir da expansão que referências literárias acrescentam à prática etnográfica, constituindo uma triangulação capaz de reconhecer os limites que as próprias ciências sociais impõem aos seus objetos de estudo (BORGES, 2021).

Esse artigo resulta, portanto, de um estudo etnográfico sobre a moradia estudantil da Rural, localizada na cidade fluminense de Seropédica, com trabalho de campo que teve início em 2022 e se estendeu até 2023⁴. O período da pesquisa é relevante, na medida em que ocorre após o fim da pandemia de COVID 19 e o retorno às aulas presenciais nesta universidade, o que implicou o deslocamento de estudantes para o campus de Seropédica e ocupação intensiva da moradia estudantil. Nas próximas páginas procuraremos traçar as principais características dessa política de permanência que é a moradia estudantil, atentando para como aqueles que necessitam diariamente dela precisam navegar por uma cultura universitária marcada por uma violência patriarcal pouco afeita a diferenças que são acantonadas como identitárias, diante da suposta hegemonia de um modo único de vida acadêmica (CERQUEIRA, 2018).

A Rural tem particularidades quando se trata do alojamento estudantil. Em um primeiro plano é preciso olhar contemporaneamente a partir de um recorte social e geográfico. O campus de Seropédica, onde fica a moradia, localiza-se na Baixada Fluminense. Embora não seja a única universidade brasileira construída em zona periférica, distante dos privilegiados centros urbanos, há uma constatação generalizada dentre estudantes acerca do seu “isolamento”. A pesquisa Lino de Paula (2004: 100), realizada há mais de duas décadas, já apontava para tal constatação: “a Rural possui uma série de peculiaridades que a diferenciam das demais universidades públicas e privadas do estado do Rio de Janeiro e uma delas é seu relativo isolamento”.

Outro aspecto importante a se mencionar é o perfil socioeconômico discente da Rural, marcadamente formado por estudantes de baixa renda. Em tal contexto, em que se somam grandes distâncias para deslocamento (o isolamento

³ Garrido e Mercuri (20150) fizeram uma síntese precursora de pesquisas sobre moradias estudantis. Mais recentemente, o trabalho de Leite et al (2021) oferece um panorama abrangente e atualizado.

⁴ Doravante nos referiremos à universidade como Rural, alcunha utilizada pelos sujeitos da pesquisa.

mencionado) e a falta de recursos financeiros pessoais por parte dos estudantes, políticas de permanência estudantil, como o alojamento, são de suma importância para a permanência dos estudantes na universidade.

Apesar dessa incontestável evidência, a política não atinge seu objetivo de forma adequada. Há, como problematizamos neste artigo, uma gama muito ampla de razões para essa ineficiência. Uma delas está justamente relacionada à mudança de perfil discente que a Rural experimentou nas últimas décadas.

É preciso ter em mente que a Rural foi, em seus primórdios, uma universidade destinada a formar profissionais voltados ao desenvolvimento rural. Em sua maioria, os estudantes eram homens e provinham de famílias proprietárias de terra. Era, em seu princípio, uma universidade que alimentava com fundos públicos a expansão e a reprodução das famílias vinculadas ao que hoje chamamos agronegócio, que por meio da educação superior de seus filhos, garantiam também sua ascensão social. A tal propósito, é preciso lembrar que havia poucas mulheres na universidade e que para elas existiam inclusive carreiras privilegiadas, como a de economia doméstica, em seus primórdios devotada à “sobrevivência da família” (AMARAL JR, 2013: 283).

Foi nesse contexto de privilégio patriarcal que as primeiras moradias da Rural foram edificadas. Os alojamentos eram prioritariamente destinados não a quem tinha necessidade financeira, mas a quem vivia longe e se adequava à chamada “cota do gado”. Para esses discentes, em sua maioria homens, a universidade dedicava uma série de práticas de acolhida para permanência que, como veremos, são hoje altamente contestadas. Em nosso entendimento, é importante problematizar a mudança de foco gerencial por que passa a universidade que, atualmente, abre mão de alguns de seus papéis de provedora de bem-estar (como o de ofertar moradia), justamente em um período de expansão universitária em que os beneficiários das políticas não são mais membros da elite, mas estudantes cuir, de baixa renda, negros, periféricos, com deficiência, com crianças pequenas e que precisam imprescindivelmente da moradia para estudar.

Um conjunto de ineficiências, sobre os quais falaremos adiante, responde pelo preocupante esvaziamento da moradia. Trata-se de uma profecia liberal que se cumpre e incide especialmente sobre discentes que dependem da moradia e têm cotidiano universitário repleto de violências. Como nos alertam Wiese *et al.* (2017: 3):

No atual contexto das universidades brasileiras, a moradia estudantil se coloca como um tema de fundamental importância, considerando o crescimento desenfreado do déficit de vagas e a difusão e distorção no uso de instrumentos para a garantia da permanência estudantil e que tem se mostrado ineficazes como solução dos problemas. Diante de anos de repressão e falta de incentivo é preciso retomar o debate e alimentar reflexões acerca do potencial da moradia estudantil e seu papel de protagonismo na vida universitária, também por seu caráter político, enquanto espaço da coletividade e de mobilização da juventude.

Veremos que, a despeito das dificuldades e abandono, os alojados colaboram entre si, construindo uma comunidade e um senso de pertencimento, que se sustenta sobre o compartilhamento de saberes e afetos. Ao longo do período de sua residência na universidade, conhecem as masmorras que são os pilares da instituição universitária. Aprendem, entre pares, e na luta por liberdade, a desfazer as ciladas armadas para expulsá-los do futuro.

A Grande transformação

A noção de campus universitário faz a diferença, pois estando dentro da Universidade você começa a viver a Universidade como um todo, morando lá a vida estudantil tem outro pique, e que é uma coisa que não necessariamente acontece com todos. E como a Rural é distante o pessoal tem que morar em Seropédica ou no Alojamento, tem esse diferencial, e quem não estava ali perdia coisas fundamentais, a gente passava a noite em discussões. O Alojamento reunia os estudantes, era o centro da efervescência, da discussão nesse universo que é a Universidade. (LINO DE PAULA, 2004: 111)

Desde sua origem, a moradia estudantil da Rural ou, como é mais conhecido, o Alojamento, carrega uma história de luta e resistência. Inicialmente as edificações hoje destinadas a estudantes foram ocupadas por docentes. Gradualmente o espaço foi sendo destinado a discentes.

Como mencionado, sendo a Rural uma universidade muito afastada dos grandes centros, ter uma moradia dentro dela se tornou uma necessidade para os primeiros grupos de alunos que ali chegaram: majoritariamente filhos homens de grandes fazendeiros de todo o Brasil. Nas últimas décadas esse quadro tem se alterado. Na narrativa dos alojados que atualmente residem na moradia, a primeira grande ruptura com o padrão anterior veio da ocupação do atual Alojamento Feminino 1 (conhecido como F1), que aconteceu na década de 60. Essa ocupação teve a peculiaridade de ser conduzida exclusivamente por mulheres, já que no desenho da política de assistência até então, não existia espaço nas moradias exclusivo para esse grupo, o que levava, na prática, a uma baixa demanda e, conseqüentemente, ao apagamento das mulheres como público-alvo desse benefício.

Ao longo dos anos subsequentes várias mobilizações feministas ocorreram, com o objetivo de se ter mais prédios para mulheres. Como consequência dessas pressões estudantis feministas foram construídos os Alojamentos Femininos F2, F3 e F4. Em 2014, houve também uma ocupação do Hotel Universitário, mais uma vez pelas mulheres. O Hotel Universitário era uma instalação que se tornou gradativamente obsoleta, devido ao enxugamento nos investimentos que permitiam, anteriormente, à universidade manter um espaço de acolhida para acadêmicos visitantes. Abandonado e sem uso, as estudantes mulheres conseguiram, ao ocupar o espaço, que hoje esse prédio seja o Alojamento Feminino F6. A peculiaridade desse alojamento é que ele é ocupado somente por mães com suas crianças. Em todas as moradias estudantis da Rural vivem atualmente, aproximadamente, 700 pessoas alojadas, divididas entre 146 quartos nos prédios femininos e 222 quartos nos prédios masculinos.

Não devemos perder de vista um pano de fundo conjuntural que afetou com violência todas as universidades públicas brasileiras durante a ditadura militar (WASEM, 2020). A respeito da Rural é importante frisar ainda a especificidade de se tratar de uma universidade isolada e voltada para o desenvolvimento rural, considerado pedra angular da construção nacionalista ideologicamente hegemônica naquele momento e, sem dúvida, persistente até os dias de hoje. Nos anos da repressão militar, houve ataques policiais à bomba à moradia em virtude de suposto armazenamento de armas nas instalações estudantis (LINO DE PAULA, 2004: 67). A moradia estudantil da Rural sempre foi um alvo, sendo vista como qualquer coisa, menos como a casa de diversas pessoas em vulnerabilidade.

Diante desse histórico, não é nada desprezível o movimento cotidiano de sujeitos evidentemente menos privilegiados e com menos poder que, com audácia e senso de justiça, desafiavam com seus corpos, a morosidade letal que coloca as estruturas do ensino superior à deriva, produzindo ativamente sua obsolescência

e sua ruína. Estudantes da Rural, especialmente as mulheres, demonstraram nessas décadas que era possível habitar as ruínas e transformá-las em lugar de refúgio e resistência (TSING, 2019: 6). Os alojamentos da Rural carregam esse testemunho de resistência - em seus tetos, paredes e pisos carcomidos pelo tempo e muito frequentemente repletos por roedores e insetos que colocam as vidas dos que ali residem em sintonia com a resistência dos seres que habitam as brechas. Em sua análise sobre “alteridades contagiosas”, Bennett se pergunta se as vidas fugitivas de pestes e daqueles que não adentram a humanidade hegemônica não se assemelham por se recusarem a “se tornar legíveis apenas em contraste a algo como a vida pública ou a cidadania; (a serem) varridos do mapa para o bem-estar daqueles no poder (2020: 54).

Consideramos que nossa abordagem do problema da violência que permeia a resistência experimentada nas moradias universitárias responda pela grande adesão do grupo estudado ao nosso projeto de pesquisa. Além disso, por ser uma das autoras estudante e frequentadora assídua - embora não residente permanente - da casa de estudante, houve uma imersão em campo de natureza muito fértil. É possível dizer que estar junto quase todos os dias com os alojados, que em si dedicam seu cotidiano a enfrentar a violência estrutural que procura despejá-los, trouxe insights e percepções para o trabalho de pesquisa que métodos de outra natureza nem sempre produziram (como no caso das entrevistas semi-estruturadas que fizemos com os residentes). Com algumas ressalvas, é possível dizer que a intimidade foi condição *sine qua non* para a produção de um conhecimento com múltiplas autorias, que se estende para os coprodutores residentes na moradia (ROJAS, 2024). Em suma, a relação de investigação se forjou na cumplicidade de se compreender o cotidiano e seus desafios a partir de um interesse comum em desenhar um “planejamento fugitivo” (MOTEN e HARNEY, 2004).

A Violência Desprezada e Aceita

Quem já leu o clássico conto de Ursula Le Guin (1973) intitulado “Aqueles que abandonam Omelas” deve se lembrar que a felicidade de Omelas residia em um sustentáculo frágil em vários sentidos: uma criança feita refém, desprovida de qualquer cuidado, abandonada à própria sorte em um quartinho de vassouras, escuro e fétido. A autora tece nessa obra de ficção considerações que podemos tomar como inspiradoras para pensar nas bases da expropriação no capitalismo. Em nosso caso específico, como podemos refletir sobre o que sustenta as condições de produção científica no mundo a partir do dispositivo da plantation, que ainda extrai de colônias periféricas a matéria prima bruta, o monocultivo, que será sintetizado nos grandes centros do norte global de produção de conhecimento (BORGES, 2021)?

A exemplo do diálogo promovido por Povinelli com Le Guin, não nos propomos aqui a restringir os “problemas do Alojamento” a uma espécie de equação que poderia ser resolvida “se” houvesse uma orquestração administrativa devotada a solucioná-la. Entendemos que o “problema do Alojamento” é intrínseco a um modelo ético, estético e cognitivo (o da plantation) que se erige como desejável e incontornável, a partir da manutenção de zonas de suposta precariedade na paisagem universitária. Quando as qualificamos como supostamente precárias não estamos negando os constrangimentos enfrentados pelas pessoas que residem no Alojamento. Estamos, sim, nos recusando a restringir suas vidas a meros enquadramentos miserabilistas. Em nosso entendimento, somente a dissolução

da universidade como a temos e o compartilhamento universal da miríade de experiências que somente estudantes alojados têm da universidade constituiria um eventual território de escapatória desse estado de coisas em que a felicidade da maioria repousa sobre alguma vida enclausurada em uma masmorra. É essa “relação prática e imaginária das instituições e dos sujeitos do liberalismo tardio na distribuição desigual de vida e morte nas ordens democráticas” que os alojados procuram despejar. Esse despejo não diz respeito à expulsão da propriedade privada (ou estatal, para o caso de universidades como a Rural), mas um despejo do lugar colonial do eterno senhor. É no alojamento que se põe em prática planos para se dessenhizar a academia (BORGES e BERNARDINO-COSTA, 2022).

No interior de nossos países esses mecanismos sádicos de esbulho a que aludimos se reproduzem em cascatas que vão das grandes e prestigiosas universidades até as menores e mais periféricas. Para a alegria de uns poucos privilegiados, ou seja, para a felicidade em Omelas, é preciso nutrir a tristeza da criança e não se abalar com seu sofrimento, afinal, se o alvo da violência é abjeto e desprezível, o ato violento é minimizado ou até mesmo ignorado.

O alojamento estudantil da Rural é um palco privilegiado para trazermos à tona essa violência escondida a sete chaves. Porém, como o quartinho em Omelas, encontra-se tão oculto que é preciso grande esforço para trazê-lo ao centro da vida universitária hegemônica – o que em si deve constituir matéria de nossa atenção. Distantes da sede colonial da antiga fazenda que abriga o prédio da reitoria, as moradias estudantis se enraízam nas fendas de uma terra usurpada e nelas se orquestram os passos necessários para tomar a universidade de assalto, como constata Moten e Harney (2004: 101) em sua discussão sobre os *sobcommons* (*undercommons*). Nesses lugares de abandono se estabelecem espaços de refúgio e de construção de subjetividades subversivas que recusam a persistência colonial iluminista, reivindicando um abolicionismo inaudito, que escapa dos tentáculos extrativistas de uma universidade moenda de corpos, como uma *plantation tropical*.

Em nossa pesquisa nos deparamos com uma disputa de perspectivas sobre a razão de ser da moradia que é em si devastadora. A administração universitária se considera contemporaneamente inepta para gerir a política de assistência em dimensões que não são consideradas “atividade fim”⁵. Com essa lógica liberal, embora a universidade seja pública, isto é, do Estado, vinculada a ministérios federais, a administração universitária pode sempre, em nome da boa gestão, sugerir que o problema não lhe compete e que deveria ser acolhido por outro setor dos governos.

O processo se assemelha ao da terceirização. Com a moradia estudantil na Rural procura-se produzir um experimento afim ao que passou o restaurante universitário. Fechado, recorreu-se à contratação de uma empresa terceirizada para o fornecimento de quentinhas. A ideia holística de um restaurante universitário caiu por terra, virou ruína junto com seu edifício e o problema foi reduzido a um problema de ração, a ponto de serem oferecidas marmitas para os estudantes que, no mais das vezes, eram servidas frias e, em algumas ocasiões, deterioradas. Após muita pressão estudantil, denunciando a insegurança alimentar, conquistou-se a transição do RU de distribuição de quentinhas para a comida novamente na bandeja. O episódio mais marcante na conquista de volta do bandejão foi um ato organizado pelos alojados, que foi considerado um desacato pela Administração

⁵ A análise de Dallapicula et al (2022) sobre o trabalho docente guarda semelhanças com a que procuramos desenvolver, na medida em que tratamos aqui dos mecanismos que coíbem emergências de subjetividades divergentes promovidas pelos estudantes alojados.

Central. Ao invés de reconhecer a gravidade do problema e compreender a performance do escracho como uma demonstração política legítima – e uma das poucas ao alcance de estudantes notoriamente ignorados nos assentos deliberativos – o que houve foi a demonização daqueles engajados na luta pela sobrevivência.

A pauta da insegurança alimentar faz parte da agenda de pesquisa de muitos docentes e discentes da Rural. O que não se reconhece é a fome intramuros. O Diretório Central dos Estudantes e alguns Conselheiros discentes do Conselho Superior da UFRRJ (CONSU), que é o maior órgão deliberativo da universidade, elaboraram um questionário que foi respondido por centenas de alojados em 2023. Seus resultados e as respostas qualitativas são muito expressivas, revelando discentes passando, literalmente, fome dentro da moradia estudantil da UFRRJ. A pesquisa foi apresentada para Administração Central e para os demais conselheiros, porém não foi obtida nenhuma resposta concreta à fome no campus. Até o presente momento, o RU continua não funcionando nos feriados e sem café da manhã aos finais de semana, o que torna a sensação de cárcere desumano indicada por nossos interlocutores ainda mais explícita (MOTTA, 2013: 55). Já quanto aos dias de funcionamento normal, são frequentes os relatos de intoxicação alimentar, que resultam em dificultosas idas ao postinho na cidade e perda das atividades acadêmicas.

Se a universidade se exime de ofertar moradia decente porque o problema não lhe compete, a outra realidade que esse discurso não descreve é a da lista de demanda por moradia. O evidente déficit de vagas também se verifica na superlotação dos quartos. Espaços onde poderiam viver duas pessoas são por vezes ocupados por oito estudantes, que improvisam formas de acomodar seu repouso e seu trabalho acadêmico como podem. Cada quarto na moradia é um espaço de resistência a essa lógica própria de Omelas que se abastece de forma sádica da violência dispensada aos desprezíveis. O que existe não é uma má gestão, mas uma gestão deliberada (embora não necessariamente consciente para a administração superior) para pôr fim às moradias. Mais que um modo de governo, trata-se da ontologia por excelência do liberalismo tardio. O abandono institucional dos alojamentos é essencial e revela as falácias de políticas de permanência estudantil em estruturas administrativas historicamente inadequadas e fracamente subsidiadas.

O Alojamento Estudantil da Rural é ocupado por estudantes que demonstram, pelos canais necessários, e por meio de uma infinita documentação exigida, que estão em situação de vulnerabilidade econômica. Todos têm o alojamento como sua única residência. Não têm para onde ir aos fins-de-semana ou nas férias. Dependem 100% do tempo do Restaurante Universitário (RU- bandejão) e de outras políticas institucionais de permanência. A Rural oferece aos seus estudantes os auxílios transporte, alimentação (refeição sem custo no RU ou auxílio pecuniário para os estudantes do campus de Três Rios, pois lá não existe o RU), moradia e recurso financeiro para material pedagógico essencial.

O campus universitário e, obviamente, os alojamentos, se encontram a três km de distância do centro do km 49 de Seropédica, como é conhecido o centro da cidade. Sem transporte público regular e acessível, há grande dificuldade para se comprar mantimentos no mercado ou algum medicamento de urgência em uma farmácia. Os alojados não conseguem tampouco arcar com as taxas de entrega dos atuais serviços de delivery, muito mais altas do que aquelas cobradas de quem mora de fato no Km 49. Nos fins de semana e feriados, o transporte até o centro de Seropédica se torna ainda mais dificultoso, o que contribui para a sensação de

isolamento e sequestro relatada por nossos interlocutores, que a literatura define como de quase internato (LINO DE PAULA, 2004). Durante as aulas há ônibus interno, conhecido popularmente como fantasma, que leva os estudantes aos diferentes espaços do campus e até o centro de Seropédica. O problema é que esse ônibus opera em horários reduzidos.

A propósito da alimentação, o alojamento segue estritamente o horário estabelecido pela universidade. O café da manhã é servido das 6h às 8h da manhã, o almoço é das 11h às 13h da tarde e o jantar é das 17h às 19h. Caso o estudante perca um desses horários, não terá acesso à comida. Nessas ocasiões costuma-se recorrer aos vizinhos da residência, em busca de alguma doação ou mesmo, em certos casos, da troca ou compra de algum mantimento, o que deixa todos extremamente constrangidos, cientes de não se tratar de um cenário ideal, sonhado pelos estudantes. O fenômeno não se restringe à Rural, como podemos ver em outros casos:

o morador da CEU [da UFSM] se desloca da cidade de origem para residir em uma Cidade Universitária, com seu conjunto de regras e fiscalizações – marcados pelos postos de vigilância, bem como pelos horários que ordenam a rotina no Campus, além das normas estabelecidas por estatutos – que são imprescindíveis para a permanência do estudante neste espaço. (MOTTA, 2013: 55)

Os problemas relatados pelos entrevistados e denunciados pelo Movimento Estudantil Ruralino, infelizmente, são recorrentes e fazem parte do dia a dia dos estudantes alojados. Todas as pessoas que entrevistamos e com as quais convivemos disseram que não se sentem acolhidas pelo setor institucional responsável pelo alojamento. Afirmam que como não há outro setor de acolhimento a que possam recorrer, por conta do escaninho em que foram colocados pela burocracia universitária, ficando à deriva, em um vácuo, abandonados à própria sorte. Embora os problemas enfrentados pudessem ser contornados, outros setores da universidade não são autorizados e nem tem a boa vontade de acolher as demandas dos alojados. Ocorre um jogo de empurra muito adequado para a ideologia de austeridade e de sucateamento desses espaços da universidade considerados onerosos.

Uma questão recorrente no campus é a falta de eletricidade. Aulas têm sido suspensas e não raramente acontecem de forma remota nos últimos tempos. O pressuposto por trás desse contorcionismo para lidar com um problema de infraestrutura é que docente e discente assistirão a aula de suas casas. Porém, o que dizer de quem tem no campus sua casa? Não é só assistir a aula que se torna inviável sem energia elétrica por certo. Não se considera, como dito, digno de respeito e consideração o corpo do estudante alojado e daqueles que os acompanham, como as crianças das mães estudantes.

Outro problema menos visível, mas não menos impactante é a falta d'água. Não se considera a imprescindibilidade de água para a higiene diária, para a limpeza dos espaços (que é relegada aos alojados, já que o serviço de limpeza foi igualmente terceirizado e precarizado ao longo das últimas décadas). A terceirização das chamadas “atividades meio” obviamente implica a não manutenção dos edifícios das moradias. Sem exceção, todos têm infiltrações e mofo que são apontados pelos residentes como causa de seus problemas respiratórios. A infestação de ratos e baratas é sentida pelos estudantes como uma ação deliberada para despejá-los – a eles e às demais pestes. Disputar a manutenção dos víveres que precisam guardar em seus quartos com esses animais é exaustivo. Trata-se de um ringue entre desprezíveis, em que inadvertidamente são lançados e do qual nem sempre saem vencedores, diariamente. Mais uma vez, a questão posta por Le

Guin se impõe: quem se alegra com esse espetáculo funesto? Quem se alegra com a produção deliberada do sofrimento dos estudantes?

Se esses casos de violência velada não falassem por si, poderíamos imaginar que os de violência explícita ao menos seriam reconhecidos e acolhidos. Engana-se quem pensa que sim. Durante essa pesquisa, escutamos muitos relatos infelizes de casos de racismo, homofobia, transfobia e outros tipos de violência, que não foram nem sequer ouvidos pelo setor institucional responsável pelo alojamento. Casos de assédio e estupros são enterrados com uma pá de cal, invariavelmente com a escusa de que a universidade tem seus limites de gestão. A violência capacitista é sobretudo institucional e para ela medidas institucionais efetivas não são tomadas, não existindo nem preparo profissional nem infraestrutura dentro dos prédios para acolher estudantes com deficiência. Basta olharmos para a rampa que leva do alojamento até o RU, cheia de buracos e alagada em dias de chuva para entendermos que corpos com deficiência não são bem-vindos ali. A rampa que deveria dar um acesso eficiente para pessoas com deficiência acaba sendo um objeto a mais do escárnio institucional. E, assim, gradualmente, uma política dita de permanência se constitui como uma política deliberada de expulsão dos corpos abjetos e indesejáveis do campus.

Pertencimento, diferenças, local e compartilhamento de saberes

A resistência dos estudantes ocorre por meio da produção de uma rede de escuta interna, um ninho de acolhimento produzido por eles mesmos. É nos quartos já abarrotados que se acaba acolhendo pessoas que sofreram diferentes tipos de violência dentro do campus e que já não se sentem mais seguras e protegidas dentro de seus quartos. Como apontado por Wiese *et al.* (2017: 2), somente “após décadas de repressão ao espaço de mobilização estudantil, a moradia universitária ressurge, alimentando a discussão para além de uma política assistencialista que busca garantir o acesso e a permanência dos estudantes.”

Se o processo para aceder à moradia de uso compartilhado é disputado e moroso, o acesso às chamadas cabeceiras é ainda mais difícil. As cabeceiras são quartos individuais reservados para pessoas com deficiência e outras especificidades. Sem acesso a esses quartos, estudantes no espectro autista, por exemplo, se veem obrigados a uma convivência forçada com outros moradores. Ouvimos relatos de sofrimento de estudantes que são levados a crises de hipersensibilidade sensorial por causa dos ruídos e que acabaram se afastando da universidade.

Outro tópico diretamente relacionado à vida cotidiana de quem habita o campus em período integral por falta de outra moradia é a questão da segurança. Muitas mulheres relataram experiências de assédio e estupro, de si próprias ou de outras colegas que, por essa razão, se afastaram da universidade. A triste constatação é que a Rural é notória por acomodar a violência de gênero em seu aparato patriarcal. Estudantes e professores acusados de violência de gênero não sofrem sequer processos disciplinares na maioria das vezes. Quando esses ocorrem, o ônus de sustentar uma investigação rigorosa recai novamente sobre a vítima que é recorrentemente desacreditada. Em casos de violência contra a mulher dificilmente são tomadas medidas efetivas institucionais, demorando meses para suspensões muito brandas de 60 ou 90 dias para o agressor, o que não o impede de voltar a frequentar a faculdade.

A ideia de um campus remoto e isolado, de um lugar para fortes faz parte de um pacto patriarcal e colonizador marcado por uma perspectiva que vê territórios

como vazios e à disposição para invenção de leis parciais e em benefício próprio, adequadas à ética do colonizador, do senhor. Se as mulheres não compartilham dessa lógica de devastação, são consideradas desprezíveis, inadequadas. A reputação da Rural leva muitas mulheres a sequer cogitar o ingresso na universidade por medo de serem atacadas sexualmente. Neste ponto vemos novamente como a questão da (falta de) eletricidade atinge moradores da residência e mais especialmente as alojadas de forma incontornável. Diferentemente de servidores que podem sair do campus, estudantes residentes nos alojamentos se sentem reféns. Em noites escuras, com postes sem luz, transitar de um ponto a outro se torna um périplo aflitivo e, por vezes, fatal (DOWNS, 1993).

Ainda sobre o tema da segurança no campus, como um problema que atinge diferencialmente os corpos mais vulneráveis dos alojados, com o retorno às aulas presenciais no pós-pandemia, em 2023 foram recorrentes os casos de assalto à mão armada dentro do campus. Diante da reiterada recusa da administração superior em lidar com o problema, os estudantes começaram a observar e a criar estratégias para evitar espaços em que se notava pessoas desconhecidas fazendo rondas suspeitas, como em torno dos alojamentos femininos. Ainda assim, mesmo evitando circular livremente, adequando-se ao espaço confinado e insalubre, um assaltante apontou sua arma para uma alojada pela janela de seu quarto.

Os relatos desses acontecimentos demonstram o medo cotidiano e as dificuldades enfrentadas nos alojamentos da Rural por estudantes que se mudaram, muitas vezes, de outras cidades e até de outros estados distantes somente para estudar. O impacto que uma experiência de migração tornada experiência de desterro tem sobre a saúde mental da maioria dos residentes do Alojamento Estudantil da Rural é inegável (OSSE e COSTA, 2011: 118). A conclusão de seus cursos de graduação é afetada diretamente pelos vários desvios que estudantes precisam fazer em busca de percursos terapêuticos igualmente inacessíveis para lidar com suas angústias e traumas. Como sintetiza uma de nossas interlocutoras, “ninguém com fome ou com o quarto infestado de ratos consegue focar em estudar”⁶. Ao corpo do estudante se acopla um estômago faminto, um roedor se intromete. Já não há mais a paz de espírito da vida bucólica no campus. O que há é o horror e a vontade de sobreviver.

A despeito de todo o descaso e de todas as dificuldades diárias de permanência dos moradores do alojamento, há também uma criação coletiva de sentimentos que em algumas oportunidades fortalecem os sujeitos. Não estamos aqui celebrando um potencial romântico das agruras. Nosso objetivo é indicar, como no conto de Le Guin, que se não fossem as resistências cotidianas de corpos desprezíveis - como os dos estudantes das moradias - talvez a universidade pública como conhecemos no Brasil já não existisse mais. Nas respostas de vários entrevistados da pesquisa, o alojamento é referência de lar. Sua relação com a universidade como uma casa é bem menos utilitarista e predatória do que a que nutrem sujeitos liberais que veem a educação superior como uma prestação de serviço e o estudante - mesmo na universidade pública - como um cliente. Há uma consciência nítida da importância da universidade pública em um projeto de justiça redistributiva em nosso país. Como nos disse uma alojada: “aqui eu tive e tenho acesso a coisas que eu não teria onde eu vivia com a minha família”. Essa mesma estu-

⁶ Estudos como o de Lacerda et al (2022) demonstram que o acesso à moradia estudantil de qualidade pode ser determinante no sucesso escolar dos estudantes universitários.

dante, no entanto, reconhece haver uma discrepância entre o tratamento humilhante que recebe como alojada e o que experimentam estudantes que se beneficiam da universidade pública sem passar por tais adversidades.

O compartilhamento de saberes e o acolhimento são práticas necessárias e em constante expansão dentro do alojamento. Uma das alojadas contou que, ao passar por racismo em seu antigo quarto, foi acolhida por outra estudante, que mal a conhecia, mas lhe deu todo o apoio emocional, além de oferecer que se mudasse para seu quarto, na qual moram juntas até hoje. A partir disso, elas começaram a compartilhar conhecimentos, vivências, dificuldades, saberes e seu dia a dia na universidade enquanto duas mulheres em situação de vulnerabilidade socioeconômica, o que as tornou mais conscientes dos desafios a enfrentar e da importância do debate constante sobre identidades minoritárias e dissidentes.

Esse, obviamente, não é o único caso dessa natureza no alojamento. Muitos entrevistados foram e continuam sendo acolhidos por colegas, amigos, ou como no último relato, até por desconhecidos.

É nesse oceano de violências, que vemos emergir com força ondas de pertencimento contra hegemônicos, de acolhimento das diferenças e de identificação entre pares considerados espúrios⁷. Este é o caso dos chamados acochambrados, pessoas que residem no alojamento, a despeito de não lhes ter sido designada uma vaga oficial, são os chamados acochambrados. Esse grupo constitui uma classe ainda mais vulnerável, pois não tem direitos legais de receber nenhum tipo de acolhimento institucional em caso de necessidade. Eivada de inegáveis paradoxos, é disseminada a opinião de que “no alojamento você conhece pessoas a quem se sente grata por ter por perto e por compartilhar tantas vivências com você”. No refúgio se semeia o amor.

Considerações finais

O Alojamento Estudantil da Rural, palco de muita luta estudantil e feminista, é um lugar permeado por vivências compartilhadas, por construções de afeto e por um sentimento de comunidade. Esses sentimentos que emergem do amor e da solidariedade ao outro se opõem frontalmente ao descaso e ao abandono que experimentam esses mesmos estudantes quando diante dos servidores da Administração Central (GEMELGO e BARROS, 2015). A falta de atenção necessária para esse grupo estudantil tão importante para a vida universitária e para o futuro de um modelo inclusivo de educação superior em nosso país pode não derivar de falhas morais individuais, mas bem mais de uma violência estrutural que é considerada condição *sine qua non* para a gestão da educação superior pública em nosso país. O que revelamos em nossa pesquisa é um segredo bem guardado, um quarto fétido em todas as universidades brasileiras. Por essa razão, é preciso haver incentivo à pesquisa sobre moradias estudantis. Seja por parte de acadêmicos interessados no fenômeno da educação, seja pelos próprios gestores. O aprofundamento dessas reflexões é de suma importância.

Estudos sobre a moradia estudantil em suas variadas formas e localizações devem seguir questionando como, apesar de tantos pesares, um alojamento estudantil como o da Rural se torna um local de resistência, um lar e um espaço para compartilhamento de saberes e experiências. E, o mais importante, como as con-

⁷ Garrido (2015) e de Sousa (2020) demonstram que a experiência de vida na moradia estudantil tem um efeito socializador que reverte muitas variáveis consideradas determinantes na transformação dos quadros de estratificação social historicamente estabilizados.

quistas desse grupo menosprezado são expropriadas por aqueles que fazem questão de ignorar a existência dos alojados. Considerando que os alojados de residência estudantis de todo o país são exímios conhecedores dessa política e que deveriam ser ouvidos com atenção e respeito, encerramos esse texto com uma poesia escrita por uma de nossas interlocutoras, alojada da Rural, que, como suas colegas, nos mostraram os reais significados de tantas coisas da vida, tornaram nosso estudo viável e nos fizeram um apelo para, como indicamos no título desse artigo, “parar e ouvir”.

*Risco eminente
de desmoronamento.
O gato preto,
que habita o prédio ao lado,
não parece preocupado,
sua vida não se limita
a este quadrado.
Mas eu, aqui,
neste prédio
desengonçado
sinto meus músculos
travados
de medo
do inesperado.
Quem habita o alojamento
vive o tormento,
sente o sabor do descaso,
que amarga o paladar
e o único jeito
é cuspir tudo fora
na cara de geral
pra todo mundo saber
como é conviver
com o abandono e o despreparo.
Água corredor adentro
e no tempo lento,
o problema se repete com velocidade.
E eu morro de ansiedade!
São muitas dificuldades!
Nem sei quando me formo,
se vou mesmo formar.
É a consequência do atraso
de quem luta pra comer
e luta pra aprender.
Quem é pobre
sabe bem o sofrimento...
Será que tem
risco de desabamento?
Um desmoronamento
de valores e ideias.
Afrouxamento de concepções.
Vamos saber mais tarde...
Mas antes que também seja tarde,
para pra ouvir,
já tamo fazendo bastante alarde!
É tempo de reerguer
as nossas universidades!*

Amanda Trovão, moradora do alojamento

Recebido em 23 de fevereiro de 2024.
Aprovado em 13 de setembro de 2024.

Referências

- AMARAL JUNIOR, J. C. Educação para mulheres: análise histórica dos ensinamentos de economia doméstica no Brasil. *Revista HISTEDBR On-line*, 13 (52): 275-285, 2013.
- BENNETT, Joshua. *Being property once myself: Blackness and the end of man*. Cambridge: Harvard University Press, 2020.
- BORGES, A. Very rural background: os desafios da composição-terra da África do Sul e do Zimbábue à chamada educação superior. *Revista de Antropologia*, 63 (3): 1-22, 2021.
- BORGES, A.; BERNARDINO-COSTA, J. Dessenhizar a academia: ações afirmativas na pós-graduação. *Mana*, 28(3): 1-30, 2022.
- CERQUEIRA, Manuela Vanesca da Silva. *Moradias estudantis: a luta pela permanência na universidade*. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade), UFBA, 2018.
- DALLAPICULA, C.; CUNHA LIMA, G. P.; DINIZ, M. Subjetivação e experiência no exercício da docência em Instituições de Ensino Superior: entre controle e linhas de fuga. *Aceno - Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 9 (21): 203-12, 2022.
- DE SOUSA, L. P. *A moradia estudantil no processo de afiliação e integração à vida acadêmica*. Tese (Doutorado em Educação, Conhecimento e Inclusão Social), UFMG, 2020.
- DOWNS, L. L. If “woman” is just an empty category, then why am I afraid to walk alone at night? Identity politics meets the postmodern subject. *Comparative Studies in Society and History*, 35 (2): 414-437, 1993.
- GARRIDO, E. N. A experiência da moradia estudantil universitária: impactos sobre seus Moradores. *Psicologia: ciência e profissão*, 35: 726-739, 2015.
- GARRIDO, E. N.; MERCURI, E. N. G. D. S. A moradia estudantil universitária como tema na produção científica nacional. *Psicologia Escolar e Educacional*, 17: 87-95, 2015.
- GEMELGO, F. D. A. K.; BARROS, D. D. Sentimento de desterritorialização e o desafio da autoestima na experiência da moradia estudantil. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 23 (4): 803-14, 2015.
- LE GUIN, U. K. The ones who walk away from Omelas (variations on a theme by William James). *Utopian Studies*, 2 (1/2): 1-5, 1991.

LEITE, S. D. T.; BONADIMAN, L. H.; GASPAR, E. Y. Sobre as moradias estudantis universitárias brasileiras: uma revisão sobre sua influência na afiliação à universidade. *Revista Humanidades e Inovação*, 8 (4): 293-305, 2021.

LINO DE PAULA, Lucilia Augusta. *O movimento estudantil na UFRuralRJ: Memórias e Exemplaridade*. Tese (Doutorado em Educação), PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2004.

MOTEN, F.; HARNEY, S. The university and the undercommons: Seven theses. *Social Text*, 22 (2): 101-115, 2004.

OSSE, C. M. C., & COSTA, I. I. D. Saúde mental e qualidade de vida na moradia estudantil da Universidade de Brasília. *Estudos de Psicologia*, 28 (1): 115-122, 2011.

ROJAS, Yeison Andres. Relatos desde las Cercas. Un estudio sobre Discapacidad, Ruralidad y Campesinado. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade), UFRRJ, 2024.

TSING, Anna. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

WIESE, S. R., ZIN, P. J., ZIMERMANN, G. K. e Silva, V. B. E. Moradia Estudantil: Território da Coletividade. *Anais XVII ENANPUR*, 17 (1): 1-19, 2019.

WASEM, Karen Luana. *O programa de moradia estudantil da UFRGS: uma análise documental e bibliográfica da assistência estudantil e moradia universitária*. Dissertação (Mestrado em Política Social e Serviço Social), UFRGS, 2020.

